

DÍVIDA EXTERNA

Funaro dirá em Seul que Brasil não aceita recessão

BRASÍLIA — O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, levará à reunião conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird) "a posição firme do Governo brasileiro" de não sacrificar o crescimento econômico do País, em função de um programa de ajustamento para combater a inflação e o déficit público. Funaro embarca hoje à noite para Seul, Coréia do Sul, onde se realizará, entre os dias 8 e 11 deste mês, a assembléia

anual do Fundo.

— A reunião de Seul pode minimizar ou maximizar as crises da economia internacional — disse o Ministro.

Lembrando os resultados dos encontros anteriores do FMI, Funaro mostrou-se cauteloso e afirmou que não se deve esperar qualquer mudança radical no tratamento dispensado pela instituição às nações que procuram sua ajuda. Mas acredita que a disposição americana de dis-

cutir a dívida em bases políticas influenciará muito os debates em Seul:

— Vamos discutir com os Ministros da Fazenda dos países desenvolvidos um pouco de política internacional. Mas não acredito que o Fundo mude radicalmente sua posição. Não é isso que vai ser discutido.

O Brasil está negociando com o FMI um programa de ajuste econômico que pode durar todo o Governo

Sarney mas ainda não definiu os parâmetros que está disposto a aceitar, a não ser o de rejeitar a hipótese de nova recessão.

Para o Ministro, a reunião de Seul

será o momento de rediscutir os problemas enfrentados até agora pelos países que adotaram as receitas de ajuste do FMI.

— Estamos lutando contra isso e achamos que a tributação brasileira, mesmo tendo alguns aumentos inevitáveis, está longe da que foi recomendada pelo FMI.

Funaro espera ampliar a margem

de discussão com a instituição, reexaminando essa e outras recomendações. Nos últimos quatro anos, ressaltou, as idéias do Fundo foram questionadas em vários países, devido à crise econômica internacional.

Para o Ministro, elas se chocam, em parte, com as dos Estados Unidos, que detêm a maior cota da instituição e propõem o livre comércio, enquanto o FMI exige aumento das exportações e redução das importações.